



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PAU DOS FERROS - CAPF
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS - DLE
CURSO DE LETRAS COM HABILITAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E SUAS
RESPECTIVAS LITERATURAS

FRANCISCA GESSIA DA SILVA

A REPRESENTAÇÃO MULHER NEGRA EM OBRAS HISPANO-AMERICANAS:
“CARTAS A MI MAMÁ E ME GRITARON NEGRA”

PAU DOS FERROS

2022

FRANCISCA GESSIA DA SILVA

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA EM OBRAS HISPANO-AMERICANAS:
“CARTAS A MI MAMÁ E ME GRITARON NEGRA”

Monografia apresentada ao curso de Letras com habilitação em Língua Espanhola e suas respectivas Literaturas, do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório de conclusão de curso.

Orientadora da monografia: Profa. Ma. Marta Jussara Frutuoso da Silva.

PAU DOS FERROS

2022

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

D229r da Silva, Francisca Gessia
A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA EM
OBRAS HISPANO-AMERICANAS: "CARTAS A MI MAMÁ"
E "ME GRITARON NEGRA". / Francisca Gessia da Silva. -
Pau dos Ferros-RN, 2022.
37p.

Orientador(a): Profa. M^a. Marta Jussara Frutuoso da
Silva.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Espanhola e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Mulher negra.. 2. Racismo.. 3. . Representação.. 4.
Identidade feminina.. 5. Personagens.. I. Frutuoso da
Silva, Marta Jussara. II. Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

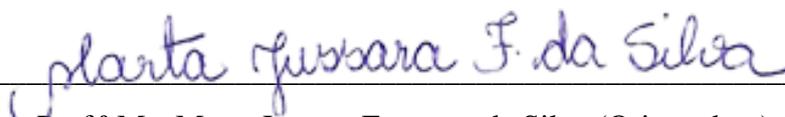
FRANCISCA GESSIA DA SILVA

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA EM OBRAS HISPANO-AMERICANAS:
“CARTAS A MI MAMÁ E ME GRITARON NEGRA”

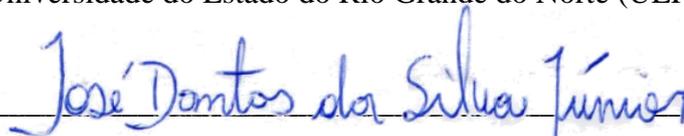
Monografia apresentada ao curso de Letras com habilitação em Língua Espanhola, do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório de conclusão de curso.

Aprovado em: 27/09/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Ma. Marta Jussara Frutuoso da Silva (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)



Prof. Me. José Dantas da Silva Júnior
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)



Prof.^a Ma. Elen Karla Sousa da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Dedico este trabalho à minha família, orientadora e amigos, em especial aos meus pais que sempre acreditaram que a educação nos leva além.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Prof. Ma. Marta Jussara Frutuoso da Silva, pela sabedoria com que me guiou nesta trajetória e por me arrancar boas risadas.

Aos meus colegas de sala, em especial a Adna, Anglêssa, Rafael e Rafaela, por sempre me apoiar e dar força quando pensei em desistir e por se tornarem meus grandes amigos.

Aos meus professores, por todas as contribuições durante toda essa jornada acadêmica.

À Secretaria do Curso, pela cooperação.

Gostaria de deixar registrado também, o meu reconhecimento à minha família, pois acredito que sem o apoio deles seria muito difícil vencer esse desafio.

À Leila Leite, pela paciência e por ter me ajudado na estruturação e formatação do meu trabalho.

Ao BTS por me acalmar com suas canções e discursos.

Enfim, a todos os que por algum motivo contribuíram para a realização desta pesquisa

Não importa quem você seja, de onde você venha, sua cor de pele, sua identidade de gênero, apenas fale! Encontre seu nome e sua voz, falando por si próprio.

Namjoon, 2018.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo retratar o papel da mulher negra presente nas obras Hispano-Americanas: *Cartas a mi mamá* de Tereza Cárdenas e *Me gritaron negra* de Victória Santa Cruz, através da visão de mulheres negras e que contam a vida de meninas negras que passam por diversas situações, incluindo o racismo, a identidade e o redescobrimto do seu lugar na sociedade, e foi justamente o que nos chamou atenção para a investigação dessas obras. Nossa pesquisa está fundamentada em Hall (2015), Bonnici (2000), Cárdenas (2006), Santa Cruz (2021), Collins (2018), entre outros. A pesquisa também conta com um tópico sobre a decolonialidade e o que rodeia esse termo, tratando de lutas, culturas e autoconhecimento, é uma pesquisa de caráter qualitativo, comparativo, etnográfico e bibliográfico. O capítulo analítico foi realizado através de três tópicos e com base em trechos retirados das obras de Cárdenas e Santa Cruz. Os resultados obtidos revelam a importância da representação da mulher negra na literatura e o papel que desempenham na sociedade e embora esse tema tenha demorado um pouco para ser reconhecido, percebeu-se com o tempo a importância da sua voz.

Palavras-chave: Mulher negra. Racismo. Representação. Identidade feminina. Personagens.

RESUMEN

El presente trabajo pretende retratar el papel de la mujer negra presente en las obras hispanoamericanas: *Cartas a mi mamá* de Tereza Cárdenas y *Me gritaron negra* de Victoria Santa Cruz, a través de la visión de la mujer negra y que relatan la vida de niñas negras que pasan por diversas situaciones, entre ellas el racismo, la identidad y el redescubrimiento de su lugar en la sociedad, y fue precisamente lo que llamó nuestra atención para la investigación de estas obras. Nuestra investigación se fundamenta en Hall (2015), Bonnici (2000), Cárdenas (2006), Santa Cruz (2021), Collins (2018), entre otros. La investigación también tiene como tema la decolonialidad y lo que rodea a este término, abordando las luchas, las culturas y el autoconocimiento, es una investigación de carácter cualitativo, comparativo, etnográfico y bibliográfico. El capítulo analítico se realizó a través de tres temas y con base en extractos tomados de las obras de Cárdenas y Santa Cruz. Los resultados obtenidos fueron positivos y gratificantes, aunque ese tema tomó un poco de tiempo para ser reconocido, se percibió con el tiempo la importancia de su voz.

Palabras clave: Mujer negra. Racismo. Representación. Identidad femenina. Personajes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 A representação da mulher negra nas obras “<i>Cartas a mi mamá</i>” e “<i>Me gritaron negra</i>”	14
2.2 O racismo presente nas obras vivenciado pelas personagens	17
2.3 Literatura feminina negra	18
2.4 Identidade Feminina Negra	20
2.5 Decolonialidade	22
3 METODOLOGIA	25
3.1 Caracterização da pesquisa	25
3.2 Objeto de pesquisa	26
3.3 Contexto da pesquisa	26
3.4 Categorias de análise	27
3.5 Procedimento de coleta e análise dos dados	27
4 DEVEMOS LUTAR OU NOS CALAR? A MULHER NEGRA E SUA CONSTANTE BATALHA EM BUSCA DO AUTOCONHECIMENTO	28
4.1 O papel da mulher negra nas obras <i>Cartas a mi mamá</i> e <i>Me gritaron negra</i>	28
4.2 O racismo nas obras <i>Cartas a mi mamá</i> e <i>Me gritaron negra</i>	29
4.3 Identidade (Re)definida das personagens	33
CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

O nosso trabalho tem como objetivo retratar a mulher negra presente na literatura hispano-americana, com o foco nas obras “*Cartas a mi mamá*” de Teresa Cárdenas (2006) e “*Me gritaron negra*” de Victória Santa Cruz (1960). O tema escolhido para essa pesquisa surgiu através de situações que estão presentes no nosso cotidiano, como a desvalorização da mulher negra e o pouco conhecimento que nos é dado. O desejo de compartilhar sobre essa visão vem sendo trabalhado em nós desde o momento em que ouvimos a seguinte frase: “você é uma mulher negra!” As obras “*Cartas a mi mamá*” e “*Me gritaron negra*” ambas são protagonizadas por mulheres negras e as situações que vivenciaram ao longo da vida, o que nos leva ao motivo da escolha: mulheres como protagonistas das suas vidas, vivendo suas identidades reais e reconhecendo a importância de ser verdadeira a si mesma, apesar das dificuldades.

A partir de então, buscamos incansavelmente destacar o papel da mulher negra na nossa sociedade, e por algumas vezes, acabamos vivenciando situações de racismo por estarmos lutando por nossos direitos. Assim, a nossa pesquisa tem como objetivo geral: investigar o papel da mulher negra nas obras “*Cartas a mi mamá* e *Me gritaron negra*”, e como os objetivos específicos: (i) identificar o racismo presente nas obras e (ii) destacar a identidade (re)definida das personagens. Os objetivos trabalhados na nossa pesquisa surgiram a partir dos seguintes questionamentos: qual o papel da mulher negra em obras hispano-americanas? Até que ponto existe racismo presente nessas obras? Qual a identidade dessas personagens?

A importância do estudo desse tema vem do fato de termos uma perspectiva de como a mulher negra é vista pela sociedade através dessas obras, que abordam descrições feitas pelas próprias mulheres negras que vivenciaram tais ou semelhantes situações ao longo da vida, como Santa Cruz traz em sua obra “*Me gritaron negra*”, que é mencionado em Armelin (2016) “Em referência a experiência de preconceito vivida ainda criança dentro de um grupo de amigos que a expulsaram simplesmente por ser negra.” (apud ALMEIDA e CORTEZ, 2017, p. 585), e na obra de Cárdenas, para Cardoso (2020, p. 290) “Para a menina resta o não-pertencimento, pois, para ela, não existe prerrogativa quanto ao tom de pele. Ela é negra com toda a nitidez de traços.”

Em algum momento da vida, nós, mulheres negras, nos deparamos com a palavra identidade, e isso, nos fez refletir durante muito tempo o lugar que nos é dado. Mas como se inserir e buscar essa identidade? A partir de que momento enxergamos esse aspecto de nossas vidas? E o quão importante esse aspecto é para a formação da nossa identidade?

As questões de pesquisas para serem respondidas nesses estudos estão voltadas para qual é representação da mulher negra nas obras de Cárdenas e Santa Cruz e como o racismo é retratado por elas, com os objetivos de investigar o papel da mulher negra em “*Cartas a mi mamá*” e “*Me gritaron negra*”, assim como identificar o racismo presente nessas obras.

Nosso trabalho está dividido em cinco seções, em que a primeira, é a introdução em que apresentamos nossa pesquisa e mostramos nossos objetivos, em seguida, temos o referencial teórico que buscamos abordar pontos importantes como a representação da mulher negra nas obras de Cárdenas e Santa Cruz, o racismo presente em cada uma, comentamos também sobre a literatura e identidade feminina negra, e a decolonialidade. Na terceira seção, trazemos a nossa metodologia separadas por tópicos, no qual tratamos sobre a caracterização, objeto e contexto de pesquisa, assim como, as nossas categorias de análise. Na seção seguinte, temos a nossa análise, em que expomos nossa opinião sobre o papel da mulher negra e o racismo abordados nas obras que analisamos, comentando ainda sobre a identidade (re)definida das personagens. Por fim, temos nossa conclusão e referências bibliográficas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Em nosso aporte teórico, tratamos sobre a representação da mulher negra nas obras *Cartas a mi mamá* de Cárdenas e *Me gritaron negra* de Santa Cruz, assim como, o racismo vivenciado pelas personagens em cada uma delas, refletimos também sobre a literatura feminina negra, a identidade feminina negra e a decolonialidade.

2.1 A representação da mulher negra nas obras “*Cartas a mi mamá*” e “*Me gritaron negra*”

A representação da mulher negra em ambas as obras passa pelas duas fases a da mulher delimitada e a livre, assim como diz Bonnici:

O uso acríptico de certas metodologias produziu a noção de mulher universal e transcultural do assim chamado Terceiro Mundo e um conceito homogêneo da opressão da mulher. Segue-se uma imagem da mulher pós-colonial como um objeto, com vida sexual restrita, ignorante, pobre, analfabeta, domesticada e delimitada pela tradição. Por outro lado, surge a contra imagem da mulher ocidental como sujeito educado, moderno, dominando seu corpo, sua sexualidade, livre em suas decisões. Portanto, muitos feministas ocidentais criaram conceitos universais da mulher pós-colonial, prescindindo da pesquisa que descobriria as especificidades ideológicas da causa dessas situações variadas e particulares (BONNICI, 2000, p. 160).

Situações essas que se transformam através da representação que as mulheres lutam para ter. Bonnici fala sobre diferentes conceitos de mulheres: a dona de casa, submissa, inferior, objetivada, pobre, analfabeta e delimitada e a mulher moderna, livre, ousada. Através de pesquisadoras ocidentais, que buscaram as causas dessas situações e dessa ideologia, descobrindo assim suas especificidades.

Essas questões de representação estão diretamente ligadas a identidade, assim como Adichie fala:

A meu ver, o que isso demonstra é como nós somos impressionáveis e vulneráveis face a uma história, principalmente quando somos crianças. Porque tudo que eu havia lido eram livros nos quais as personagens eram estrangeiras, eu convenci-me de que os livros, por sua própria natureza, tinham que ter estrangeiros e tinham que ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar (ADICHIE, 2009, Palestra TED)¹

Que representação as crianças negras poderiam ter se a identidade que prevalecia era a dos brancos estrangeiros? Adichie, passa por um processo de reconhecimento de identidade,

¹ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. The Danger of a single story. Disponível em: <http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/> Acesso em: 08 de setembro de 2022.

até então o que sabia sobre esse conceito era definido por personagens estrangeiras, e essa visão não a faziam se identificar. Quando criança as histórias que conhecemos é sobre pessoas brancas, de cabelos claros e cabelos lisos, características essas que não se aplica a toda a sociedade. Assim, as personagens inicialmente não tinham com quem se identificar, e passaram a buscar a sua própria identidade.

Identidade é aquilo que nos molda como ser humano, e é algo importante e único para cada pessoa existente nesse mundo, sendo o que define e redefine em que ou em quem nos encaixamos o que nos torna pessoa e o que marca a nossa existência, assim como Hall (2016, p.69) nos diz:

(...) é uma questão de “ser” quanto “de se tornar ou devir”. Pertence ao passado, mas também ao futuro. Não é algo que já exista transcendendo a lugar, tempo, cultura e história. As identidades culturais provêm de alguma parte, têm histórias. Mas, como tudo o que é histórico, sofrem transformação constante. Longe de fixas eternamente em algum passado essencializado, estão sujeitas ao contínuo “jogo” da história, da cultura e do poder. As identidades, longe de estarem alicerçadas numa simples “recuperação” do passado, que espera para ser descoberto e que, quando o for, há de garantir nossa percepção de nós mesmos pela eternidade, são apenas os nomes que aplicamos às diferentes maneiras que nos posicionam, e pelas quais nos posicionamos, nas narrativas do passado.

O que nos pertence como essência, está ligado à nossa identidade cultural, ao nosso lugar de fala e no que está nos moldando perante a sociedade, sobre o que nos posicionamos, acreditamos, lutamos e buscamos. Desse modo, foi a partir dessa concepção que as personagens das obras de Cárdenas e de Santa Cruz, que estão sendo retratadas nessa pesquisa, passaram pelo processo da redescoberta.

Nas duas obras a mulher negra é representada como a personagem principal, toda a história gira através das experiências vividas por cada uma e que também são baseadas em situações presentes na vida das autoras, que vivenciaram na pele o peso de ser mulher negra e o papel que desempenham na sociedade em que estão inseridas. Cardoso (2020) destaca que, “Por isso, Cárdenas produz seus livros sem negar-se a abordar questões como a religiosidade yorubá, o racismo, a permanência do colonialismo, as dificuldades sociais vividas pelos negros.”

E segundo Mazza, 2018:

Sua poesia-grito de Victoria é suficientemente forte para nos determos diretamente em seu conteúdo conflitivo, reforçado pelo movimento dos corpos que compõe a cena. A narrativa inicia a partir da compreensão que ser identificado como negro é um insulto, desenvolvendo a narrativa para a descoberta do que significa o preconceito,

caminha em direção ao entendimento que sua natureza não pode ser alterada e por fim torna-se uma afirmação e um reconhecimento de identidade.

Em sua explanação, Mazza traz a essência do poema de Victória Santa Cruz e o sentimento de preconceito que rodeia a sua vida. A personagem da obra *Cartas a mi mamá*, é representada como uma menina órfã que perde o seu maior pilar que é a sua mãe, por isso, passa a escrever as cartas contando suas experiências ao decorrer da sua vida e os conflitos que a rondam por causa da cor da sua pele, motivos esses que ela não compreende a deixando triste, como podemos ver no trecho a seguir: “Sou a menina mais alta e preta da classe. Talvez a mais triste.” (CÁRDENAS, 2006, p. 13).²

Nesse momento a personagem se depara com a diferença de cores entre ela e os seus colegas e isso a deixa triste, talvez pelo que viu e ouviu sobre o tom de sua pele. O que não é algo muito diferente do que aconteceu com o eu-lírico da poesia de Victória Santa Cruz, que é representada por uma menina de cinco anos que vê a sua vida inteira girar ao redor da sua cor:

Tenía siete años apenas,
Apenas siete años
Qué siete años!
No llegaba a cinco se quiera!
De pronto en la calle unas voces me gritaron negra! (SANTA CRUZ, 1960).

O eu-lírico no poema de Victória Santa Cruz foi atacada pela sua cor por pessoas ao seu redor, o que também a deixa triste e assustada. Dessa forma ambas as personagens são representadas pelo papel de destaque nas obras e suas histórias são contadas de uma forma triste e poética que no desenvolver das histórias vão percebendo a forma de representação que a sociedade as impõe por ser mulher negra: “inferior, feia, sem importância, apagada”, mas que com o passar do tempo e vivências enxergam que a sua representação tem importância, tem voz e beleza, além de força e coragem, entendendo que o amor não está ligado a cor.

Ainda nessa linha de pensamento, Cárdenas (2006, p.85) em *Cartas a mi mamá*, destaca:

Un día me preguntó: “y quien es ese blanquito que andas contigo?” Yo no supe qué contestarle. Ni recordaba que Roberto era blanco. Entonces supe que cuando queremos a alguien, el color de su piel no importa. Y que, además, es más lindo decir Roberto, que blanquito.

A personagem percebeu que o mais importante quando se gosta de alguém está no amor que sentimos e não na cor da pele, momento esse crucial para a quebra do paradigma do

² “Soy la niña más alta y prieta del aula. Quizás la más triste” (tradução nossa).

racismo. Sobre o racismo citado anteriormente, vamos detalhar no próximo tópico ponto a ponto para que possamos entender como ele é abordado nas obras e na vida das personagens.

2.2 O racismo e sociedades estigmatizadas

O racismo é uma forma de discriminação e é geralmente manifestada de forma consciente ou inconsciente e está ligada a privilégios ou desvantagens de determinada pessoa ou grupos. Por isso, para Silva (2017, p.129):

o racismo se desenvolve estabelecendo uma separação que é feita a partir da cor/raça das pessoas, permitindo aos brancos ocuparem posições superiores na hierarquia social, enquanto os negros são mantidos nas posições inferiores, independentemente de sua condição socioeconômica ou quaisquer outros privilégios. Entende-se que, nas disputas cotidianas e gerais, o fato de ser negro cria barreiras para ocupar as melhores posições na hierarquia social.

Existem vários tipos de racismo, entre eles o racismo individual, institucional, cultural, primário, comunitarista ou diferencialista e racismo ecológico ou ambiental, e aqui vamos contextualizar dois deles, o estrutural e o institucional:

O racismo estrutural mostra a realidade em que a sociedade vem agindo desde muito tempo, assim, como diz Oliveira: “racismo é uma ideo-logia que ‘cimenta’ relações sociais particularmente em um país atravessado historicamente por mais de três séculos de escravização de africanos abolida de forma conservadora tardiamente” (OLIVEIRA, 2021, p. 62).

O fato de a escravidão ser abolida tão tardiamente influenciou e muito para a permanência do racismo estrutural afetando a vida de muitas pessoas, assim como as das personagens. E como vivemos, isso também aconteceu com as autoras Victória Santa Cruz e Tereza Cárdenas, assim, como o racismo institucional, que se manifesta através de comportamentos que discrimina alguém ao longo do nosso cotidiano, seja usando estereótipos racistas, falta de atenção ou simplesmente ignorância, colocando as pessoas de grupos raciais ou étnicos em situações de desvantagens, seja no ambiente de trabalho ou ao acesso de benefícios ofertados pelo Estado, instituições ou organizações. Assim, como diz Santos 2012:

Segundo Santos (2012), o racismo institucional é “velado” por meio de mecanismos e estratégias presentes nas instituições públicas, explícitos ou não, que dificultam a presença do negro nestes espaços ou a presença do Estado onde há maior concentração da população negra. O acesso é dificultado não por normas e regras escritas e visíveis, mas por obstáculos formais, presentes nas relações sociais que se reproduzem nos espaços institucionais e públicos e/ou na formação dos agentes do Estado.

2.3 Literatura feminina negra

A literatura feminina surgiu na década de 60, iniciando assim, a luta da literatura feminina negra, embora, seja um tema de extrema importância para a construção dos conhecimentos que nos rodeiam durante a nossa vida, em especial na construção do nosso percurso acadêmico, teve o seu reconhecimento entre os anos 60-80, por isso é preciso buscar e lutar para que tais obras ganhem destaque perante a sociedade e para que reconheçam a grandeza desses trabalhos. Showalter apud Bonnici, através da sua investigação sobre literatura inglesa entre os anos de 1840 e 1960, chegou à conclusão de que a literatura feminina, passou por três fases:

A primeira é chamada de feminina (feminine) [...] a fase da "imitação e internalização" [...] a segunda, segundo Bonnici (2007), é a fase da ruptura denúncia dos moldes dominantes patriarcais e de defesa dos direitos das mulheres e das minorias e é chamada de feminista (feminist). A terceira, a fase fêmea (female) ou "da mulher" é caracterizada pela autodescoberta e pela busca da identidade (ZOLIN, 2009, p. 330).

Assim, essas três fases marcaram a luta do feminismo negro literário, ajudando no processo de autoconhecimento, embora as questões inicialmente soassem estranho na cabeça da mulher negra, conhecer a si mesma, assim como Bairros (1988, p.5), diz:

(...) questões soavam estranhas, fora de lugar na cabeça da mulher negra (...) falava-se na necessidade de a mulher pensar o próprio prazer, conhecer o corpo, mas reservava-se a mulher pobre, negra em sua maioria, apenas o direito de pensar na reivindicação da bica d'água.

Para a mulher negra era difícil reivindicar a bica d'água, imagine o próprio corpo que há muito tempo foi usado como objeto sexual, mas através da investigação de trajetórias negras foi possível observar a importância do protagonismo negro. Segundo, Silva (2020, p. 8) "Investigar trajetórias negras, e em especial de mulheres, nos permite problematizar os significados de ser mulher negra, intelectual, esposa, mãe, educadora, dentre outras funções, num contexto extremamente marcado pela atuação e protagonismo masculinos". Seguindo esse pensamento, podemos observar que é preciso resgatar as experiências históricas vividas por autoras negras e, assim, dar foco ao protagonismo que há muito lhe foi e é negado diante das produções literárias.

Segundo Bonnici, (p.263): “A colonização e o discurso colonialista eram também empregados pelo patriarcalismo e pela exclusividade sexista. O termo *homem* e seus derivados incluíam o homem e a mulher; o mesmo privilégio não era dado ao termo *mulher*”.

Assim, podemos perceber o quanto o patriarcado influenciou para ofuscar o protagonismo da mulher, principalmente o da mulher negra. Para que seja possível alcançar tal reconhecimento literário, se faz necessário que a mulher negra lance uma multiplicidade de formatos para que, assim, possa driblar o menosprezo que é dado ao seu conhecimento, como diz Hill Collins.

Para Hill Collins (2018, p. 140):

O pensamento feminista negro pode ser visto como um conhecimento subjugado. Tradicionalmente, a supressão das ideias de mulheres negras no interior de instituições sociais controladas por homens brancos levou as mulheres afro-americanas a usar a música, a literatura, as conversas e os comportamentos do cotidiano como espaços importantes na construção de uma consciência feminista negra. Mais recentemente, a educação superior e a comunicação social têm se consolidado como espaços cada vez mais importantes para o ativismo intelectual de feministas negras. Nesses novos espaços sociais, o pensamento feminista negro frequentemente tem se destacado, e, apesar da visibilidade, tem sido subjugado de maneiras diversas.

O pensamento feminista foi subjugado e diminuído pelo machismo que rodeia a nossa sociedade desde há muitos anos e é preciso lutar para derrubar essa ideia, pois, já que o subalterno dificilmente pode falar, conforme diz Spivak (1995, p.28) “o sujeito subalterno não tem nenhum espaço a partir do qual ele possa falar”. Portanto, o subalterno não tem a oportunidade de falar pela lógica da colonização. E foi justamente isso o que as mulheres negras viveram por décadas, e ainda vivem, por muitas vezes, nos dias atuais.

Além disso, as mulheres negras vivem em uma via de mão dupla: a sabedoria e o conhecimento e ambas as coisas têm um importante papel na construção das experiências vividas pelas autoras, e essa ideia é reforçada por Hill Collins (2018, p. 149):

As mulheres negras precisam de sabedoria para lidar com os “tolos” educados que “atirariam com uma espingarda em uma barata”. Enquanto membros de um grupo subordinado, as mulheres negras não podem se dar ao luxo de serem tolas, uma vez que a sua objetificação como “outras” lhes nega a proteção conferida pela branca, pela masculinidade e pela riqueza. Essa distinção entre o conhecimento e sabedoria, e o uso da experiência como a fronteira que os separa, é central para a sobrevivência das mulheres negras. No contexto de opressões intersectadas, a distinção é essencial. O conhecimento desprovido de sabedoria é adequado para quem detém o poder, mas a sabedoria é essencial para a sobrevivência do subordinado.

A literatura feminina negra é desvalorizada e vive à sombra da literatura escrita por pessoas brancas, ainda mais pelos homens que ocupam na sociedade o papel de soberano. Além

disso, as mulheres negras não se sentiam representadas pelo movimento feminino das mulheres brancas na década de 60, pois, o que essas mulheres reivindicavam não se encaixava nos direitos que elas procuravam, já que trabalhavam desde o tempo da escravidão. Assim, como Santos (2017, p. 733) diz: “as mulheres negras não se viram representadas nas reivindicações feministas, que cunhadas por mulheres brancas, não abarcavam suas necessidades e questionamentos.”

Enquanto as mulheres brancas lutavam pelo direito do voto, as mulheres negras lutavam para serem tratadas como seres humanos. Para Santos (2017, p. 736):

De maneira incontestável, o pensamento de intelectuais feministas negras acerca da singularidade vivenciada por suas iguais é de importância vital para a não perpetuação dessas desigualdades que tem no racismo seu eixo estruturante. Ao ousar romper com o silêncio ao qual a mulher negra foi historicamente relegada, essas intelectuais tocam em feridas seculares, formam conhecimento e inspiram outras mulheres negras.

A autora ressalta que nós mulheres negras devemos inspirar a outras mulheres do nosso grupo social, para que possamos alcançar o maior número possível na sociedade. Portanto, quando intelectuais negras assumem a posição de sujeito, do corpo que tem voz e fazem o que Sueli Carneiro (2013, p. 118) chama de “enegrecer o feminismo”, e tratar das especificidades dessa mulher que foi posta num lugar de subalternidade e silenciamento, existe uma quebra de paradigma e uma tentativa de reorganizar esses fios mal tecidos da história.

2.4 Identidade Feminina Negra

A identidade ao longo dos anos foi se transformando, através da modernização do conceito, assim, como diz Hall:

A questão da ‘identidade’ está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado (HALL, 2015, p. 09).

Hall, traz que com o passar dos anos novas identidades estão surgindo, derrubando as identidades que antes estabilizavam o mundo social e que cada indivíduo vem se fragmentando e buscando modernizar esse conceito afim de unificar. Mudança essa que vem com novas autonomias e com novas aceitações, na teoria. E que mudanças assim ajudam a movimentar o sujeito, fazendo com que tenha uma importante contribuição para a sociedade.

Não podemos falar de identidade feminina negra sem citar o movimento feminismo negro, que traz um ponto importante para esse reconhecimento e luta constante das mulheres subalternizadas e dadas como inferiores, assim como diz Santos (2007, p. 733):

O Movimento Feminista Negro nasceu a partir de uma necessidade urgente das mulheres negras feministas que se viram sem alicerce, pois o Movimento Negro tinha sua face sexista, uma vez que as relações de gênero atuavam como repressoras da autonomia feminina, e o Movimento Feminista exibia seu lado racista ao privilegiar pautas que contemplavam apenas as feministas brancas. Nesse sentido, a falta de representação nos movimentos sociais hegemônicos colaborou para que a conscientização acerca das diferenças tornasse urgente a formação de um movimento que trouxesse reflexões específicas sobre a mulher negra.

Sempre buscando reconhecimento em suas lutas justas e necessárias, mesmo que desvalorizadas, menosprezadas e ignoradas, seguimos em direção ao nosso direito de conquista à busca pela autonomia feminina, e as mulheres negras lutaram por representação.

Quando criança, a maioria de nós mulheres negras não tivemos acesso a esse campo de luta na vida, tendo em vista que não nos foi passado que possuíamos essa identidade, ou que talvez, um dia, iríamos conhecer a presença desse aspecto em nossas vidas, até o primeiro momento que ouvimos frases como “você é uma mulher negra”, e isso pode nos surpreender. Anos ouvindo termos como “moreninha”, “mulata” e, ainda, a identificação de negra como algo ruim, podendo causar um impacto negativo. Logo, cabe a nós buscarmos o reconhecimento necessário.

O feminismo era algo que, durante muito tempo, também não tivemos acesso, muito menos o feminismo negro. Então, nos compete buscar a nossa identidade como mulher negra e, assim, podemos nos deparar com os seguintes problemas: por onde começar? Onde buscar? Onde nós poderíamos encontrar? Nas mídias, pouco ou nada se falava sobre esse assunto, não havendo conhecimentos sobre livros, músicas, filmes ou como encontrar isso na internet. Muitas vezes, acabamos por escutar, através de outras mulheres negras, o que nos traz a ideia de pertencimento e autodescoberta.

Com a identidade feminina negra, passamos a reconhecer as lutas constantes e as belezas que esse termo carrega, e isso é algo capaz de nos orgulhar, denominar e estampar essa identidade com todo o orgulho do mundo, passando a inseri-la em cada aspecto das nossas vidas. Eis o ponto chave dessa pesquisa: o desejo de partilhar e expor a importância desse assunto.

Mesmo havendo dificuldades, falta de apoio, pouco conhecimento ou quem busque diminuir a importância dessa identidade, o importante é, cada vez mais, tentar contribuir, mesmo que com o mínimo possível de incentivo. Precisamos buscar reforçar a representação

desse papel na sociedade e acabar com o processo histórico de que a mulher negra foi feita apenas para servir, assim como cita Santos (2007, p. 732):

historicamente, a figura feminina negra tem sido entendida como uma besta de carga um objeto sexual, matriz reprodutora de mão-de-obra barata, ou ainda a mãe preta, aquela possui a capacidade inata de cuidar e servir, o peito que a todos amamenta.

Santos afirma que a mulher negra, durante toda a sua vida, foi vista como inferior e feita apenas para satisfazer e agradar a sociedade preconceituosa, mas com o passar dos anos, a busca pelo pertencimento nos ajudou a desconstruir tais pensamentos. Como veremos no tópico a seguir, sobre o conceito de decolonialidade.

2.5 Decolonialidade

O colonialismo, que expressa uma relação política e econômica por meio da soberania e opressão, ainda atualmente deixa rastros que se manifestam de uma forma expressiva na sociedade. Esse pensamento colonial caracteriza a Europa como centro do mundo, inferiorizando e menosprezando outras formas de pensar. Um desses rastros de colonialismo é o que podemos chamar de colonialidade. Diferentemente da ideia de colonialismo, a colonialidade está relacionada a um padrão de poder, que nasce na modernidade com efeitos do colonialismo moderno, ou seja, o capitalismo. Referente ao pensamento colonial, María Lugones (2008, p. 07), afirma que:

Con la expansión del colonialismo europeo, la clasificación fue impuesta sobre la población del planeta. Desde entonces, ha permeado todas y cada una de las áreas de la existencia social, constituyendo la forma más efectiva de la dominación social tanto material como intersubjetiva. Por lo tanto, «colonialidad» no se refiere solamente a la clasificación racial. Es un fenómeno abarcador, ya que se trata de uno de los ejes del sistema de poder y, como tal, permea todo control del acceso sexual, la autoridad colectiva, el trabajo, y la subjetividad/intersubjetividad, y la producción del conocimiento desde el interior mismo de estas relaciones intersubjetivas.

No trecho acima, podemos identificar que o termo decolonial está ligado ao subalternizar e ao sistema de poder, que vem sendo imposto desde os tempos antigos, e que não está ligada apenas a uma parte da minoria, mas a um todo, quando se trata desse grupo.

No período pós-colonial, nasce o pensamento decolonial, que se refere à busca de novas formas de se pensar, ver e sentir o mundo, de forma oposta à visão europeia, imposta pela colonização. Assim, essa forma de pensar decolonial desloca a Europa em um patamar horizontal, dando espaço às novas maneiras de conhecer e viver o mundo.

O pensamento decolonial também pode ser caracterizado como uma atitude oposta ao efeito colonial, uma atitude de descolonização. Atitude decolonial pode ser entendida como uma ação que rompe com o que é imposto pela opressão colonial.

Quando se fala de decolonialidade, se fala de minorias, de pessoas que vivem às margens da sociedade, cercadas de preconceito e de falta de oportunidades, bem como de gente subalternizada e mal interpretada, julgada, desprezada e excluída. A decolonialidade está ligada a relação entre o colonizador e o colonizado e às marcas carregadas pelo colonialismo europeu podem ser notadas até hoje. No entanto, quando se fala em decolonialidade, também se fala de resistência, de luta, de força e pessoas que, apesar das dificuldades, se mostraram capazes de viver e sobreviver. Nelson Maldonado-Torres, (*apud* BALLESTRIN, 2013, p. 105), em 2005, defende o termo “giro decolonial” que está relacionado a um movimento de resistência de bases teóricas, práticas, políticas e epistemológicas ao colonialismo moderno.

Antes de retratar a decolonialidade em si, é necessário apresentar os eventos ocorridos que tiveram relação com a sua consolidação. O colonialismo europeu trouxe complexas cicatrizes aos povos colonizados, principalmente ao continente africano. O processo de colonização no continente africano com o pretexto de levar “civilização” aos habitantes da África, desencadeou a ocupação de cidades e portos no continente, bem como humilhação, tortura, morte, enfraquecimento dos reinos existentes, além de alterar profundamente a cultura, o estilo de vida e o modo de ver o mundo dos povos, tudo em nome do poder colonial.

Apesar das nações africanas terem conseguido suas independências políticas graças a um grande movimento de luta e resistência forte, ainda no período caracterizado pós-colonial, persistiam fortes alterações políticas e culturais no continente africano, impostas pelos colonizadores, como exemplo: as línguas europeias.

Tendo em vista essas informações, o pensamento decolonial, defendido por Mignolo, (*apud* BALLESTRIN, 2013, p. 105), tem como objetivo confrontar a permanência às condições impostas pelo colonialismo, almejando a libertação total de qualquer forma de opressão ou dominação, compartilhando saberes como política, cultura e economia, trilhando um caminho totalmente inovador de pensamento que aborde elementos epistemológicos locais, associados aos legados impostos pelo período colonial e pós-colonial. O pensamento decolonial é um pensamento que se desprende de uma lógica de um único mundo possível (lógica da modernidade capitalista) e se abre para uma pluralidade de vozes e caminhos.

Um exemplo de pensamento decolonial, defendido por Catherine Walsh e Edizon León, por exemplo, é o chamado *cimarrón*, de origem do período escravagista é utilizado pela comunidade negra para confrontar a dominação do pensamento colonial na busca de liberdade

de pensar e viver preservando suas origens, culturas e subjetividades. Nelson Maldonado-Torres (2007, p. 158), aborda essa questão da seguinte forma:

La actitud des-colonial (vis-à-vis la actitud imperial) plantea el rompimiento con la actitud natural colonial y la dialéctica de reconocimiento imperial, aquella que presupone que todo sujeto debe obtener reconocimiento del hombre blanco para adquirir sentido completo de su humanidad. En la actitud des-colonial, el sujeto en la posición de esclavo no simplemente busca reconocimiento sino que ofrece algo. Y ese alguien a quien lo ofrece no es el damoe sino otro esclavo. El movimiento ético de esclavo a esclavo plantea una paradoja, pues envuelve la suspensión radical de la dialéctica de reconocimiento dominante y de los intereses inmediatos de los sujetos en cuestión.

No seu comentário Torres fala sobre a atitude descolonial, onde o sujeito escravizado busca mais que reconhecimento e passa a ir ao caminho oposto ao que o seu dominante impõe, indo em direção aos interesses do seu povo.

Dessa forma, decolonialidade trata-se de uma busca pelo direito à diferença e a uma abertura para um pensamento-outro. Para Lucini e Oliveira (2021, p. 99): “A atitude decolonial é o ‘grito de espanto’ que ocorre individualmente, ou seja, é a atitude do próprio sujeito frente ao horror da colonialidade em busca de mudanças quanto às colonialidades do saber, do ser e do poder”.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos a metodologia de pesquisa e a forma em que adotamos nesse trabalho por partes que seguirão divididas nos seguintes tópicos:

3.1 Caracterização da pesquisa

O estudo proposto nessa pesquisa é de caráter qualitativo, pois, está relacionado aos significados e valores que rodeiam o universo da representação da mulher negra nas obras: “*Cartas a mi mamá*” e “*Me gritaron negra.*” A abordagem da pesquisa: etnográfica e bibliográfica. Segundo Gil (2002, p. 41):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas.

Consolidado na investigação do papel da mulher negra nas obras *Cartas a mi mamá* e *Me gritaron negra* de Cárdenas e Santa Cruz, respectivamente, a justificativa por esse tipo de pesquisa se dá pelo fato de analisarmos a representação da mulher negra com base nas duas obras aqui citadas, e sobre a literatura feminina negra com o uso da subjetividade e por não nos preocuparmos com representação numérica.

Segundo Minayo (2001) “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço, mas profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis.”

A pesquisa traz, também, um caráter comparativo a fim de identificar o racismo, a representação da mulher negra e as situações vividas por ambas as personagens, e por ser assunto de caráter social e atual em outros países e no Brasil. Baseado nas leituras das obras e de outros projetos sobre o assunto citado, foi possível identificar tal aspecto.

Segundo Fachin (2001) o método comparativo **se** consiste em investigar coisas ou fatos e explicá-los segundo suas semelhanças e suas diferenças. Permite a análise de dados concretos e a dedução de semelhanças e divergências de elementos constantes, abstratos e gerais, propiciando investigações de caráter indireto.

Nossa pesquisa é, também, de caráter descritivo, pois, ao decorrer desse projeto será descrito em que momento ocorreu a situação de racismo ou em que momento se destaca a representação da mulher negra presentes nas obras de Cárdenas e Santa Cruz. Situações claras e específicas descrevem o momento exato de tal ocorrido nas obras.

Segundo Oliveira (2019) na pesquisa descritiva o objetivo aqui é esclarecer de maneira abrangente um assunto já pesquisado por alguém. A pesquisa é envolta em extensa revisão teórica sobre o seu objeto de estudo, com aprofundada análise e comparação de informações, e o pesquisador oferece suas conclusões acerca do levantamento realizado.

3.2 Objeto de pesquisa

O objeto de pesquisa desse projeto é baseado em fragmentos das obras *Cartas a mi mamá* de Cárdenas e *Me gritaron negra* de Santa Cruz, fragmentos esses que destacam a representação da mulher negra e o racismo presente nas obras.

3.3 Contexto da pesquisa

O contexto da pesquisa se baseia na nossa indignação, desejo e identidade como mulher negra de pesquisar e externar esse tema de extrema importância para o enriquecimento e destaque de tal conhecimento literário, que se baseia em obras hispano-americanas dos países Cuba e Peru.

Compartilhando do mesmo sentimento, Silva (2020) afirma que “(...) é necessário aconteça um movimento de valorização e compensação da mesma, que deve vir como forma de contraposição ao longo período de obscurantismo milenar sofrido por esta que se faz tão essencial para que o mundo se mova e continue a girar e funcionar.”

Este trabalho tem como contexto de pesquisa, países que foram colonizados por europeus, que sofreram escravização e que, por isso, inserem no decolonialismo a mulher negra na sociedade e o seu papel, que deve ser ressignificado e valorizado. Por isso, escolhemos duas obras de autoras da América Latina Cárdenas que é Natural de Cuba e Santa Cruz, que é natural do Peru, países esses onde as obras citadas também foram ambientadas.

Cuba é um país constituído por arquipélagos, ou seja, composto por aproximadamente 4.195 ilhas ou ilhotas, o território cubano ocupa 110 861 km², onde vivem cerca de 11,2 milhões de habitantes, a economia cubana é bastante vinculada aos setores primários e sua economia se

dá através de produtos de origem agrícola como: cana de açúcar, arroz, tabaco, banana e abacaxi, a atividade mais econômica está ligada ao turismo.³

Peru, é o terceiro maior país da América do Sul, faz fronteira com o Brasil, Bolívia, Equador, Colômbia e Chile, com 1.285. 216 km², abriga 84 ecossistemas, tem cerca de 32. 200. 000 de habitantes e possui vastos recursos naturais, dividido por 24 departamentos tendo como capital Lima. Sua economia baseia-se em mineração, turismo, petróleo e gás, comércio e pesca.⁴

3.4 Categorias de análise

Com base nos nossos objetivos propostos, traçamos nossas categorias de análises para um resultado mais efetivo. Nossas categorias são as seguintes:

1. Investigar o papel da mulher negra nas obras “*Cartas a mi mamá e Me gritaron negra*”;
2. Identificar o racismo presente nas obras;
3. Destacar a identidade (re) definida das personagens.

3.5 Procedimento de coleta e análise dos dados

Primeiro, foram escolhidas as obras com as quais iríamos trabalhar. Em seguida veio o processo do reconhecimento do *corpus*, quais os pontos que íamos trabalhar, do que íamos falar e como íamos prosseguir na análise. Então, coletamos os pontos de acordo com os objetivos que escolhemos, trabalhamos em cada um, de forma individual, e chegamos às nossas conclusões.

³ <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/cuba.htm-acesso> em 04 de setembro de 2022.

⁴ <https://www.viagensmachupicchu.com.br/dicas/peru-informacoes-acesso> em 04 de setembro de 2022.

4 DEVEMOS LUTAR OU NOS CALAR? A MULHER NEGRA E SUA CONSTANTE BATALHA EM BUSCA DO AUTOCONHECIMENTO

Nesta seção, apontamos nosso ponto de vista sobre o papel da mulher negra nas obras *Cartas para mi mamá* e *Me gritaron negra*, refletimos também sobre o racismo presente nas obras e a identidade (re)definidas das personagens.

4.1 O papel da mulher negra nas obras *Cartas a mi mamá* e *Me gritaron negra*

A mulher negra em ambas as obras é retratada, de início, como a protagonista da história, pois, podemos perceber ao longo das obras que elas passam pelas três fases citadas por Showalter apud Bonnici 2007, primeiro vemos a imitação:

E odiei meus cabelos e meus lábios grossos
e mirei apenas minha carne tostada
E retrocedi
Negra!
E retrocedi . . . (SANTA CRUZ, 1960).

Em *Me gritaron negra* o protagonismo da personagem já se destaca pela forma em que o poema é iniciado: o eu lírico falando em primeira pessoa sobre o que ouviu na rua aos 7 anos de idade. A menina do poema passa por todo um processo de medo e rejeição, o que faz com que tente ao máximo parecer com as pessoas brancas e odiar suas reais características.

Em *Cartas a mi mamá*, o protagonismo da personagem não é muito diferente: “Mãezinha, resolveram me colocar na escola daqui. Não gostei nem um pouco. Tem pouca luz lá. Sou a menina mais alta e mais preta da sala. Talvez a mais triste também”. (CÁRDENAS, 2006, p. 13) Por ser diferente das outras crianças a menina se sente triste. O que reflete na vida de muitas crianças negras, no processo de se comparar a um coleguinha de pele branca, por exemplo.

Na obra de Cárdenas, o protagonismo da personagem abrange as muitas mulheres negras, pois não tem um nome e, dessa forma, pode se encaixar na vida daquela mulher que passou por uma situação igual ou semelhante.

Embora esse protagonismo seja retratado de uma forma dolorosa, o que é muito comum na vida das mulheres negras, até quando se tem o protagonismo, também é retratado de uma forma triste e revoltante, porém, o papel dessas mulheres ao longo da história vai mudando e, por fim, são capazes de tomarem os seus papéis de destaque, sem precisar serem diminuídas e

apagadas. Logo, elas recuperam o direito de ser livre, de amar e de agir, de se enxergar como as mulheres maravilhosas que são, sem se importar com a opinião de terceiros.

Assim como a garota fala de si mesma na história, contando o que se passa no seu dia a dia, como se sente e o que lhe aflige:

Esta noite eu vi você nos meus sonhos. Você usava um rabo de cavalo bem comprido, amarrado com uma linda fita vermelha. Corria de um lado para outro do céu, empinando uma pipa feita de nuvens. Não estava feliz, mas estava ali, correndo e pulando como uma menina de nove anos. Você parecia comigo, como se fosse minha filha, e não o contrário. Chamei por você em vão. Foi triste. (CÁRDENAS, 2006, p.9)

A garota descreve um sonho que teve com a mãe, depois de passar pela dor intensa de perdê-la, também descreve como está se sentindo nesse momento de sua vida e o quanto deseja estar ao lado da pessoa mais amada da sua vida.

Com o decorrer da narrativa, podemos ver a evolução da personagem perante os acontecimentos pelos quais passa: um processo doloroso, porém, que transforma sua visão de mundo. E é aí que vem a segunda fase, a da ruptura.

4.2 O racismo nas obras *Cartas a mi mamá* e *Me gritaron negra*

Ao longo das obras, o racismo estrutural aparece de forma explícita, seja na própria casa, como no caso de *Cartas a mi mamá* ou na rua em *Me gritaron negra*, e desde o início é um ponto que bem pode se observar: a personagem criada por Cárdenas sofre a violência racial dentro da sua própria residência, pelo seu próprio povo, sofrendo assim o racismo institucional onde a ignorância da sua família faz com que acreditem que as pessoas de pele branca são superiores a gente de pele preta. Enquanto isso, o eu lírico de Santa Cruz ouve as pessoas nas ruas apontarem para ela gritando “negra” com um tom de superioridade e desprezo.

Cárdenas traz, em sua obra, a dor do racismo que uma criança vivencia, como essa situação é vista através dos seus olhos, passando por situações dentro da própria casa pelos seus parentes negros: “Mamãe, a coluna me dói toda. Vovó me espancou como se fazia com os escravos”. (CÁRDENAS, 2006, p.37)

A menina tem consciência de que os escravos sofriam absurdos por conta do racismo, tanto que associou a situação que se encontrava a esse momento. Em outra situação, a menina enxerga o racismo pelo qual a sua vó passa, embora ela não se dê conta: “Ela trabalha para a família branca de que falei. Cozinha, lava, passa e tudo mais que aparece para fazer na casa deles. Se mata de tanto trabalhar, mas não reclama. Pelo contrário, fala maravilha deles, embora

lhe paguem um tiquinho de nada. (CÁRDENAS 2006, p.29-30)” A garota nota que a sua avó está em uma situação de racismo, mesmo que essa não se dê conta e, então, comenta na carta para a sua mãe sobre tal acontecimento.

Em um outro momento de racismo intitucional presente dentro da sua própria família, a menina ouve da sua vó que deveria casar-se com alguém de pele branca para, assim, a raça ser melhor: “Mamãe, minha avó diz que é bom apurar a raça. Que o melhor que pode acontecer com a gente é casar-se com um branco”. (CÁRDENAS, 2006, p.13). Nesse ponto, a avó está reproduzindo um pensamento racista contra o seu próprio povo, o que nos faz ver que existe tal acontecimento dentro do grupo com o pensamento de embranquecer sua raça afim de torna-la “melhor.”

Em outro momento, a menina tem uma conversa com uma senhora chamada Menú, que fala sobre um Deus negro:

Mãezinha, você acha que Deus entende quando lhe falam em africano? Eu acho que não. A velhinha das flores me explicou que o Deus dos negros se chama Olofi, mas é o mesmo Deus dos brancos, só que cada um coloca nele a cor e o nome que tiver vontade. E disse que Deus fez os homens de todas as cores porque ele é como as crianças, que não gostam de coisas iguais, que as deixam entediadas. Imagino que muitos brancos não conhecem essa história. Eles não gostariam de adorar um Deus preto retinto e beçudo, por mais misericordioso que fosse. Não iam achar bonito. (CÁRDENAS, 2006, p. 63-64)

A menina fica surpresa e interessada com a história do Deus negro, porém, ao mesmo tempo, sabe que o racismo não permitiria algumas pessoas a amarem e adorarem a Ele mesmo com uma grande misericórdia, o que nos faz refletir do quanto o preconceito está presente na sociedade, preconceito esse que é estruturado desde anos atrás e, por consequência da abolição tardia, se perpetua até os dias atuais como diz Oliveira: “racismo é uma ideo-logia que ‘cimenta’ relações sociais particularmente em um país atravessado historicamente por mais de três séculos de escravização de africanos abolida de forma conservadora tardiamente” (OLIVEIRA, 2021, p. 62).

Assim, o racismo estrutural ainda prevalece hoje em dia, o que pesa na identidade das pessoas que se encaixam na raça negra. Porém, com o passar dos anos pode ver a redefinição de identificação desse grupo, e foi o que aconteceu com as personagens das obras aqui trabalhadas.

As personagens passam por situações em que sofrem esses tipos de racismo, onde são diminuídas, desprezadas e humilhadas, ou simplesmente presenciam episódios de racismo contra outras pessoas. Como podemos ver nos parágrafos a seguir:

Victória Santa Cruz em seu poema “*Me gritaron negra*” apresenta uma grande luta contra o racismo:

Ele relata aquilo que todo negro já viveu, e o faz interiorizar uma autoimagem que nega sua autoestima, mas, num crescente, a palavra “negra”, que começa como insulto, se transforma em afirmação valorosa da identidade e da humanidade negra (PORTAL GELEDÉS, 2013).⁵

Em “*Cartas a mi mamá*” a personagem relata situações de racismo desde o início da obra, como quando comenta que uma das suas colegas de pele clara tem vergonha do seu pai de pele escura:

Uma das meninas se chama Sara. Ela é de pele clara. Não sei porque. O pai dele não é assim. [...] acho que ela se sente envergonhada porque quando vai para a escola, para buscá-la ou para conversar com a professora, Sara finge não entender e se afasta um pouco para que os outros pensem que não estão se juntando. Algumas crianças dizem a Sara que ela quer se tornar branca, e que ela é “legal4” porque gosta de Roberto, um menino branco da sala de aula. (CÁRDENAS, 2006, pp. 13-14)⁶

A personagem tem contato com o racismo na escola através de uma coleguinha que sente vergonha da cor da pele do próprio pai e isso a faz pensar no porquê dessa situação e o que está errado nisso, além disso a sua colega gosta de um menino branco que estuda com elas e que também quer se tornar branca, a personagem principal da obra busca entender o motivo da outra garota agir assim, como também as pessoas da sua família.

Inclusive, a menina vivenciava tais situações dentro da própria casa, pois, a sua avó acreditava que pessoas brancas seriam superiores aos negros. Que mesmo trabalhando muito e recebendo pouco, elogiava sempre a família de brancos para quem trabalha e nutria um desejo de que as pessoas da sua família se casassem com pessoas brancas para “apurar a raça”. Além, de diversos xingamentos referentes a sua aparência, a questão racial é de grande destaque na obra, abordado pelo olhar infantil e inocente da personagem.

Além disso, a personagem principal de “*Cartas a mi mamá*” ficou muito triste e chateada pelo apelido “bembona”, com tom racista que pelo qual lhe chamam os seus parentes, apelido esse que sua vó em um dos vários momentos no qual agredia a menina a chamou: “Ela

⁵ <https://www.geledes.org.br/me-gritaron-negra-a-poeta-victoria-santa-cruz/>.

⁶ Una de las niñas se llama Sara. Es clara de piel. No sé por qué. Su papá no es así. [...] yo creo que siente vergüenza porque cuando va a la escuela, a recogerla o a hablar con la maestra, Sara se hace la desentendida y se aparta un poco para que los demás piensen que no vienen juntos. Algunos niños le dicen a Sara que se quiere hacer blanca, y que es “piola4” porque le gusta Roberto, un blanquito del aula (tradução nossa).

me deu um forte tapa: Cale a boca, bembona! (...) Desde então me chamam de bembona nesta casa onde eu não gostaria de morar” (CÁRDENAS, 2006, pg. 17)⁷.

Por sofrer tanta agressão física e psicológica a garotinha não gosta de viver junto a sua família, ela se sente triste e inferior e isso mexe com sua autoestima e com o seu reconhecimento como pessoa. Da mesma forma que a garotinha de “*Me gritaron negra*” fica triste com a forma que as pessoas na rua a tratam e passa a se odiar:

"Eu sou negra?"
 Eu disse a mim mesma
 SIM!
 "O que é ser negra?"
 Preta!
 E eu não conhecia a triste verdade que ela escondia.
 Preta!
 E eu me senti preta
 Preta!
 como eles disseram
 Preta!
 e recuei
 Preta!
 como eles queriam
 Preta!
 E eu odeio meu cabelo e meus lábios grossos

E olhei com tristeza para minha carne queimada

e recuei
 Preta!
 E eu recuei. . . (SANTA CRUZ, 1960).⁸

⁷ “Me dio um monotazo fuerte: ¡Cállate, bembona! (...) Desde entonces me dicen bembona en esta casa donde no quisiera vivir” (tradução nossa).

⁸ ""Soy acaso negra?"" -

me dije
 SÍ!
 ""Qué cosa es ser negra?""
 Negra!
 Y yo no sabía la triste verdad que aquello escondía.
 Negra!
 Y me sentí negra,
 Negra!
 Como ellos decían
 Negra!
 Y retrocedí
 Negra!
 Como ellos querían
 Negra!
 Y odie mis cabellos y mis labios gruesos

Y mire apenada mi carne tostada

Y retrocedí
 Negra!
 Y retrocedí . . . (tradução nossa)

Uma criança tão pequena foi obrigada a passar por uma situação severa e injusta, e isso mexeu com a sua autoestima e seu lugar de pertencimento, pois passou a se ver como inferior. Essas situações se dão ao fato de que o racismo segue presente na sociedade, desde muitos anos atrás, pelo simples fato de estar sempre sendo reforçado que gente de pele branca é superior à gente de pele negra.

Através do reconhecimento sobre suas origens e com a ajuda de pessoas da sua cor a criança passa a romper aquele estereótipo de imitação e passa a buscar a aceitação da sua raça e a beleza dos seus traços. E é onde podemos ver a terceira fase presente nas obras, no próximo tópico.

4.3 Identidade (Re)definida das personagens

Na terceira fase, que é a da autodescoberta e busca pela identidade as personagens começam a perceber a importância de se autoconhecer e aceitar suas origens, não querem mais parecer uma pessoa branca ou odiar o estilo do seu cabelo, os traços que carregam e suas origens e passam a redefinir suas identidades.

O que nos pertence como essência, está ligado à nossa identidade cultural, ao nosso lugar de fala e no que está nos moldando perante a sociedade, sobre o que nos posicionamos, acreditamos, lutamos e buscamos. Desse modo, foi a partir dessa concepção que as personagens das obras de Cárdenas e de Santa Cruz, que estão sendo retratadas nessa pesquisa, passaram pelo processo da redescoberta.

Assim como a personagem principal de *Cartas a mi mamá*, o eu lírico da poesia de Victoria Santa Cruz teve a sua identidade (re)definida e, ao longo dos anos em suas vidas, passaram pelo estágio da autocrítica em relação aos seus traços e a sua cor, tal atitude foi tomada devido ao que se escutava da sociedade, até que em certo ponto da vida elas tomaram o domínio e passaram a se enxergar, amar e viver segundo o próprio critério de beleza. Logo, eis o processo da redescoberta. Com isso, passaram a admirar cada parte de si, que reafirmava suas próprias identidades, as dos entes queridos e dos seus antepassados. O processo de se reconhecer e autoconhecimento não foi fácil, mas preciso, através de tal decisão tomada, pôde enxergar o real valor que tinham e passaram a viver em harmonia e a se olharem com mais cuidado e carinho.

Em determinado momento, a garota se vê em um espelho e passa a enxergar características de sua mãe, o que a faz começar a gostar de si mesma:

“Agora, passo o tempo todo me olhando. A testa, os olhos, o nariz, a boca... Sabe de uma coisa? Descobri que meus olhos são parecidos com os seus, que não podiam ser mais bonitos, e que minha boca e meu nariz são normais. Não gosto que digam que os negros têm nariz achatado e beiçã. Se Deus existe, com certeza está furioso por ouvir tanta gente criticando sua obra” (CÁRDENAS, 2006, p.19).

A menina passa a se enxergar como uma obra de Deus e passa a ver beleza em seus traços. O mesmo acontece ao eu lírico de *Me gritaron negra*, o momento da descoberta da beleza dos seus traços:

Por fim compreendi
Finalmente
Já não retrocedo mais
Finalmente
E avanço em segurança
Finalmente
Eu avanço e espero
Finalmente
E abençoo o céu porque Deus quis
Que negro azabache fosse minha cor
E eu já entendi
Finalmente
Já tenho a chave!⁹ (SANTA CRUZ, 1960).

O eu-lírico passa a enxergar e amar sua raça, sua cor e seus detalhes e, desde então, não retrocede mais e nem abaixa a cabeça, muito menos se ofende ao ser chamada de negra.

A importância de reconhecer sua identidade e de lutar pelo que acreditamos é muito importante, com a autodescoberta e o reconhecimento do valor que seus traços e cor carregam, fazem com que não desista de lutar por sua voz.

⁹ Al fin comprendí
Al fin
Ya no retrocedo
Al fin
Y avanzo segura
Al fin
Avanzo y espero
Al fin
Y bendigo al cielo porque quiso Dios
Que negro azabache fuese mi color
Y ya comprendí
Al fin
Ya tengo la llave!

CONCLUSÃO

A pesquisa realizada tem como objetivo geral de: investigar o papel da mulher negra nas obras “*Cartas a mi mamá e Me gritaron negra*”, e como os objetivos específicos: (i) identificar o racismo presente nas obras e (ii) destacar a identidade (re) definida das personagens.

Nossa pesquisa é voltada para o papel da mulher negra, descrito em duas obras com gêneros distintos: a narrativa e a poesia, que quando trabalhado em conjunto mostrou que, mesmo pertencendo o mesmo gênero, podem se destacar juntos em uma investigação.

Além disso, são duas obras que trazem um assunto de extrema importância para o espanhol, assim como o ponto chave dessa pesquisa: o papel da mulher negra diante da sociedade, as situações vividas e o mundo que a cerca, além de como reagiram diante do que passaram e como transformaram os momentos difíceis em força e coragem para amar e aceitar a cor e as características com as quais nasceram.

Trazendo relevância ao ensino do espanhol com obras tão fortes, e as ideias presentes nessa monografia, futuramente, podem servir de referência para uma nova investigação às pessoas que compartilham do mesmo desejo e indignação que rodeiam a vida das mulheres negras sobre o seu papel diante da sociedade.

Por último e não menos importante, essa pesquisa mostra o quanto devemos falar e lutar pelo que acreditamos, e que se algo te fizer questionar ou duvidar, devemos seguir nossa mente e o coração para, assim, ter o prazer de falar que tentamos e que, mesmo que cheguemos a falhar, o importante é não deixar de investigar e apenas aceitar.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **The Danger of a single story**. Disponível em: <http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/> Acesso em: 08 de setembro de 2022.
- ALMEIDA, Rayana Alves; CORTEZ, Mariana. “**ME GRITARON NEGRA**” E A **CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NO CONTEXTO PERUANO**. PERcursos Linguísticos, Vitória (ES), v. 7, n. 14, 2017. p. 584-598.
- BAIROS, Luiza. Mulher negra e feminismo. Boletim do CIM (Centro de Informação da Mulher. São Paulo, nº 11, 1988. In: BAIROS, Luiza. **Quantas anônimas guerreiras brasileiras**. Jornal Mulherio, nº 22, p.15, 1985.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.
- BENETTI, Marcia. **Corpus**. Apresentação do PowerPoint, 2008. Disponível em: <https://docs.google.com/presentation/d/1-G53OimfC6SN2gs6pqBtud2opSIVRyPLnlx4D090I0g/edit?usp=drivesdk>. Acesso em: 30 mar 2022.
- BONNICI, Thomas. **Pós-colonialismo** e literatura: estratégias de leitura. Maringá: Eduem, 2000.
- BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: EDUEM, 2007.
- BONNICI, Thomas. TEORIA E CRÍTICA PÓS-COLONIALISTAS. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **TEORIA LITERÁRIA: ABORDAGENS HISTÓRICAS E TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS**, p. (263 - 283).
- CÁRDENAS, Teresa. **CARTAS A MI MAMÁ**, 2006.
- CARDOSO, Rosane Maria. O “EU” NEGRO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL: IDENTIDADE E ESCRITA EM CARTAS A MI MAMÁ, DE TERESA CÁRDENAS. **Caderno de Letras**, Pelotas, n.38, pp.285-296, set-dez 2020.
- CRUZ. Victoria Santa. **ENCUENTRA TU POEMA**, c2021. ME GRITARON NEGRA. Disponível em: <https://encuentratupoema.pe/poema/me-gritaron-negra/>. Acesso em: 21 dez 2021.
- COLLINS, Patricia Hill. Epistemologia feminista negra. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- COELHO, Beatriz. Mettzer. **Pesquisa qualitativa: entenda como utilizar essa abordagem de pesquisa**, 2020. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/pesquisa-qualitativa/>. Acesso em: 23 mar 2022.

COLÉGIO RIO BRANCO. **Estadão**. Por que a literatura negra é tão importante?, 2021. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/blogs/blog-dos-colegios-rio-branco/20-11-por-que-a-literatura-negra-e-tao-importante/>. Acesso em: 30 mar 2022.

FREITAS, Eduardo. Cuba. **BrasilEscola**, c2022. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/cuba.htm>. Acesso em: 4 de setembro de 2022.

GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA. **Portal Geledés**, 2013. ¡Me gritaron negra! A poeta Victoria Santa Cruz. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/me-gritaron-negra-a-poeta-victoria-santa-cruz/>. Acesso em: 10 mar 2022.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 7. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LUGONES, María. COLONIALIDAD Y GÉNERO. **Tabula Rasa**. Bogotá – Colombia, No.9, p. 73-101, julio-diciembre 2008.

LEITE, Rodrigo Peixoto. **Painel de automóveis populares: o design do cluster de direção sobre o aspecto da ergonomia informacional**. Orientadora: Cláudia Renata Mont'Alvão. 2006. 300 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Design do Departamento de Artes & Design do Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MAZZA, Joana. Cruzando Fronteiras – Uma análise sobre a representação da mulher negra nas obras de Victoria Santa Cruz e Fabian Villegas. **Ateliê Oriente**, 2018. Disponível em: <https://www.atelieorient.com/blog/1/5/2018/cruzandofronteiras2>. Acesso em: 10 mar 2022.

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo estrutural: uma perspectiva histórico-crítica**. São Paulo: Dandara, 2021.

OLIVEIRA, Antonella Carvalho. **DEFINIÇÕES DE OBJETIVO EM PESQUISA ACADÊMICA**. AtenaEditora, 2019. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/blog/definicoes-de-objetivo-em-pesquisa-academica/>. Acesso em: 23 mar 2022.

OLIVEIRA, Elizabeth de Souza; LUCINI, Marizete. O Pensamento Decolonial: Conceitos para Pensar uma Prática de Pesquisa de Resistência. **Boletim Historiar**, vol. 08, n. 01, jan./Mar. 2021, p. 97-115.

Peru - Machu Picchu. **Viagensmachupicchu**, c2017. Disponível em: <https://www.viagensmachupicchu.com.br/dicas/peru-informacoes>. Acesso em: 4 de setembro de 2022.

REIS, Maurício de Novais; ANDRADE, Marcilea Freitas Ferraz de. O pensamento decolonial: análise, desafio e perspectivas. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 202, p. 1 – 11, março. 2018. Disponível em:

<<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/41070/21945>>.
Acesso em: 25 de Mar. de 2022.

SANTOS, Ivair Augusto Alves dos. **Direitos humanos e as práticas de racismo: o que faremos com os brancos racistas.** 2012. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

SANTOS, Marcela Ernesto. IDENTIDADE FEMININA NEGRA: DA MARGEM PARA O CENTRO. Revista Philologus, Ano 23, N° 67 Supl.: **Anais do IXI SINEFIL.** Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2017.

SILVA, Andressa Marques. **Autoras de seus dias: escritoras negras e o ensino de literatura.** 2021. Tese (Doutorado - Doutorado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

SILVA, Marcos Antônio Batista da. **Racismo institucional: pontos para reflexão.** Laplage em Revista, vol. 3, núm. 1, 2017. Universidade Federal de São Carlos, Brasil. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552756521012>>.

SILVA, Tamires Cruz Santos. A Realidade da Mulher Latina, Negra e Indígena na Literatura HispanoAmericana Contemporânea. In: **Colóquio Internacional " Educação e Contemporaneidade"**, XIV, 2020, São Cristóvão/SE, (anais) São Cristóvão/SE, 2020, p. 1-14.

TORRES, Nelson Maldonado. **SOBRE LA COLONIALIDAD DEL SER: CONTRIBUCIONES AL DESARROLLO DE UN CONCEPTO** en “El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global”, Iesco-Pensar-Siglo del Hombre Editores, Bogotá, 2007. p. 127 – 167.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). **Teoria Literária.** 3 ed. Ver. Ampl. Maringá: EDUEM, 2009.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de Autoria Feminina. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). **Teoria Literária.** 3 ed. Ver. Ampl. Maringá: EDUEM, 2009.